

REINEC

REVISTA INTERNACIONAL DE ESTUDOS CIENTÍFICOS

EM BUSCA DA COMPREENSÃO DA DISLEXIA

IN SEARCH OF UNDERSTANDING DYSLEXIA

José Rivamar de Andrade¹
José Maria Barboza²

RESUMO

A dislexia é definida como sendo um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, diagnosticada geralmente no início do processo de alfabetização. A dislexia pode ser causada por vários fatores que são desde hereditariedade até alterações nos hemisférios cerebrais, subdividindo-se em dislexia do desenvolvimento ou adquirida. A criança com suspeita de dislexia deve ser avaliada pela equipe multidisciplinar, composto por vários profissionais de diversas áreas. Após seu diagnóstico, o professor deve usar diferentes meios estratégias até mudar o método de ensino para adaptá-lo objetivando uma melhoria da aprendizagem do aluno com dislexia. Não é o aluno que necessita se adaptar a apreensão do conhecimento, mas o sistema escolar necessita se moldar ao problema buscando juntamente com os pais diferentes estratégias para que se objetive o processo de ensino aprendizagem desta criança. A compreensão e a parceria são essenciais para garantir o futuro dessas crianças.

Palavras-chave: Dislexia. Professor. Alunos. Escola. Distúrbio de aprendizagem.

ABSTRACT

The dislexia is defined as being a riot or upheaval of learning in the area of the reading, writing and spelling, diagnosed generally in the beginning of the alfabetization process. The dislexia can be caused by some factors that are since hereditary succession until alterations in the cerebral hemispheres, subdividing itself in dislexia of the development or be acquired. The child with dislexia suspicion must be evaluated by the team to multidiscipline, composition for some professionals of diverse areas. After its diagnosis, the professor must use different ways strategies until changing the method of education to adapt objectifying it an improvement of the learning of the pupil with dislexia. He is not the pupil who needs if to adapt the apprehension of the knowledge, but the pertaining to school system needs if to together mold to the problem searching with the different parents strategies so that if it objectifies the education process learning of this child. The understanding and the partnership are essential to guarantee the future of these children.

Keywords: Dislexia. Teacher. Pupils. School. Riot of learning.

¹ Doutorado em Ciências Sociais da Religião – FATEC/BA; Mestrados em Ciências Sociais da Religião – FATEC/Ba e em Sistemas Agroindustriais – UFCG; Especialista em Linguística Aplicada na Educação – Universidade Cândido Mendes e em Educação Inclusiva – IESM; Licenciatura Plena em Letras – Fundação Francisco Mascarenhas; Bacharelado em Administração – ULBRA.

² Doutorado em Educação – Universidad Hispano Guarani Assunção; Mestrado em Educação – Universidad Hispano Guarani Assunção; Especialista em Gestão – UFMG; Licenciatura em Matemática – FAFOPST.
Rev. Int. Est. Cient. – REINEC. 2. ED. VER. 02. 10p. 2019.

INTRODUÇÃO

A dislexia é uma das mais comuns deficiências de aprendizado. Segundo pesquisas realizadas, 20% de todas as crianças sofrem de dislexia – o que causa com que elas tenham grande dificuldade ao aprender a ler, escrever e soletrar. Pessoas disléxicas – e que nunca se trataram – lêem com dificuldade, pois é difícil para elas assimilarem palavras. Disléxicos também geralmente soletram muito mal. Isto não quer dizer que crianças disléxicas são menos inteligentes; aliás, muitas delas apresentam um grau de inteligência normal ou até superior ao da maioria da população.

Essa deficiência persiste apesar da boa escolaridade. É necessário que pais, professores e educadores estejam cientes de que um alto número de crianças sofre de dislexia. Caso contrário, eles confundirão dislexia com preguiça ou má disciplina. É normal que crianças disléxicas expressem sua frustração por meio de mal-comportamento dentro e fora da sala de aula. Portanto, pais e educadores devem saber identificar os sinais que indicam que uma criança é disléxica - e não preguiçosa, pouco inteligente ou mal-comportada.

Ela não deve ser motivo de vergonha para crianças que sofrem dela ou para seus pais. Dislexia não significa falta de inteligência e não é um indicativo de futuras dificuldades acadêmicas e profissionais. A dislexia, principalmente quando tratada, não implica em falta de sucesso no futuro. Alguns exemplos de pessoas disléxicas que obtiveram grande sucesso profissional são Thomas Edison (inventor), Tom Cruise (ator), Walt Disney (fundador dos personagens e estúdios Disney) e Agatha Christie (autora). Alguns pesquisadores acreditam que pessoas disléxicas têm até uma maior probabilidade de serem bem sucedidas; acredita-se que a batalha inicial de disléxicos para aprender de maneira convencional estimula sua criatividade e desenvolve uma habilidade para lidar melhor com problemas e com o stress.

Entender como se aprende e o porquê de muitas pessoas inteligentes e, até, geniais experimentarem dificuldades paralelas em seu caminho diferencial do aprendizado, é desafio que a Ciência vem deslindando paulatinamente, em 130 anos de pesquisas. E com o avanço tecnológico da atualidade, com destaque ao apoio da técnica de ressonância magnética funcional, as conquistas dos últimos dez anos têm trazido respostas significativas sobre o que é Dislexia.

1 CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE A DISLEXIA

A dislexia é um dos distúrbios da aprendizagem mais comuns encontrados nas escolas. Muitas vezes, por falta de informação por parte do professor ou a não existência de materiais adequados para trabalhar, a criança disléxica é chamada de preguiçosa, pouco inteligente e indisciplinada.

Segundo Drouet (1995, p. 154):

Atualmente, qualquer distúrbio de linguagem apresentado pela criança, é tachado como dislexia, tanto pelos pais como pelos professores. O problema, entretanto, nem sempre está na criança e sim nos processos educacionais – sob a responsabilidade paterna –

ou nos processos de aprendizagem sob o encargo da escola.

Cabe aos pais procurar a escola e, juntamente com os professores, trabalhar de maneira adequada o conteúdo escolar para não desmotivar a criança que possui dislexia. Faz-se necessário dar muita atenção para que a mesma sinta-se valorizada e estimulada para a aprendizagem.

Acredita-se que há muitos elementos que precisam ser explorados e conhecidos para o trabalho com a criança disléxica. O passo inicial é promover uma aula dinâmica que estimula a criatividade e desenvolve uma habilidade para lidar melhor com problemas; utilizando métodos adequados de tratamento e com atenção e carinho, a dislexia pode ser superada possibilitando à criança à obtenção de conhecimentos.

Ao pesquisar as causas e conseqüências da dislexia, bem como o seu diagnóstico, o professor facilitará o trabalho em sala de aula, bem como conhecerá o desenvolvimento cognitivo da criança disléxica objetivando a orientação da mesma para uma melhor aprendizagem. Desta forma, acredita-se que a melhor forma de trabalhar com a dislexia em sala de aula é desenvolver diferentes estratégias de ensino e aprendizagem proporcionando a motivação e a vontade de aprender sempre mais.

Portanto, o professor necessita informar-se sobre o assunto, e buscar diferentes estratégias para trabalhar com alunos portadores dessa deficiência, pois, não há um método pronto, cada professor necessita usar várias estratégias para poder trabalhar com este aluno e um dos métodos muito usado é o fônico. Necessitando usar muita repetição para que este consiga aprender a ler e escrever.

A dislexia vem sendo discutida há muito tempo e, ainda, não há subsídios suficientes para que possam resolver esta deficiência. Alguns especialistas costumam trabalhar a dislexia a partir de seus conceitos fundamentais, os quais serão apresentados nesta seção.

De acordo com Myclebust (2003, p.16):

A Dislexia constitui uma desordem cognitiva e uma desordem de linguagem; a desordem cognitiva porque se concentra na problemática da significação da linguagem interior, da abstração, da formação dos conceitos e das metáforas. Para o autor, a Dislexia evidencia uma perturbação no processo de simbolização - decodificar e simultaneamente compreender são um todo no processo da leitura e da escrita.

Obter significação compreende uma relação com o pensamento abstrato: deduzir, interferir, implica, generalizar, conotar, associar, categorizar etc. E acontecem imediatamente quando o processo da leitura está adquirido.

A significação decorrente do processo da leitura é um conceito psicológico que procede a linguagem porque ela nasce das coisas reais e concretas. A significação é anterior à linguagem falada e está permanentemente implícita no processo da recepção e da expressão da linguagem escrita (GIBSON; LEVIN, 1985).

Denomina-se de desordem da linguagem porque impede as relações entre linguagem auditiva e a linguagem visual (receptiva e expressiva).

Existem muitos outros significados de dislexia, mas todos levam ao mesmo entendimento, visto a grande preocupação dos pesquisadores em discorrer sobre ela. Veja-se uma definição mais ampla e precisa, dada pela Wikipedia (2007), enciclopédia virtual, sobre a dislexia:

A dislexia é mais frequentemente caracterizada pela dificuldade no aprendizado da decodificação das palavras, na leitura precisa e fluente e na fala. Pessoas disléxicas apresentam dificuldades na associação do som à letra (o princípio do alfabeto); também costumam trocar letras, p. ex. b com d, ou mesmo escrevê-las na ordem inversa, p.ex "ovóv" para vovó. A dislexia, contudo, não é um problema visual, envolvendo o processamento da fala e escrita no cérebro, sendo comum também confundir direita com esquerda no sentido espacial. Esses sintomas podem coexistir ou mesmo se confundir com características de vários outros fatores de dificuldade de aprendizado tais como o déficit de atenção/hiperatividade, dispraxia, discalculia, e/ou disgrafia. Contudo a dislexia e as desordens do déficit de atenção e hiperatividade não estão correlacionados com problemas de desenvolvimento.

Para psicólogos e educadores lingüistas um dos gargalos para o diagnóstico e tratamento das dificuldades específicas de leitura, no ambiente escolar, reside na compreensão de conceitos básicos e operatórios como dislexia e mau leitor. Como saber a diferença que há entre o conceito de dislexia e dizer que uma criança é mau leitor?

A dislexia é uma síndrome de origem neurológica. Pode ser genética (desenvolvida) ou adquirida (depois de acidente vascular cerebral, a AVC). O disléxico é potencialmente um mau leitor, embora consiga ler. O disléxico lê, mas lê mal, sua leitura é lenta e sofrível. Só um neurologista, a rigor, tem a competência técnica, em equipe multidisciplinar, juntamente com psicólogos e pediatras, afirmar se uma criança é ou não disléxica (MARTINS, 2006).

Conclui-se, portanto, que a dislexia é uma síndrome para atendimento médico, embora não se trate de uma doença. Para os educadores, o que inclui pedagogos, psicopedagogos e profissionais de ensino, dislexia é uma dificuldade de aprendizagem de leitura ou mais precisamente o que entendemos por dislexia é uma dificuldade de aprendizagem de leitura. Venho denominado de *dislectogenia* essa dislexia dita pedagógica.

1.1 BREVE HISTÓRICO DA DISLEXIA

Identificada pela primeira vez por Berklan em 1881, o termo 'dislexia' foi cunhado em 1887 por Rudolf Berlin, um oftalmologista de Stuttgart, Alemanha. Ele usou o termo para se referir a um jovem que apresentava grande dificuldade no aprendizado da leitura e escrita ao mesmo tempo em que apresentava habilidades intelectuais normais em todos os outros aspectos (WIKIPEDIA, 2007)

Em 1896, W. Pringle Morgan, um físico britânico de Seaford, Inglaterra publicou uma descrição de uma desordem específica de aprendizado na leitura no *British Medical Journal*, intitulado "Congenital Word Blindness". O artigo descreve o caso de um menino de 14 anos de idade que não havia aprendido a ler, demonstrando contudo, inteligência normal e que realizava todas as atividades comuns de uma criança dessa idade (SNOWLING, 1996).

Durante as décadas de 1890 e início de 1900, James Hinshelwood, oftalmologista escocês, publicou uma série de artigos nos jornais médicos descrevendo casos similares (HINSHELWOOD, 1917).

Um dos primeiros pesquisadores principais a estudar a dislexia foi Samuel T. Orton, um neurologista que trabalhou inicialmente em vítimas de traumatismos. Em 1925 Orton conheceu o caso de um menino que não conseguia ler e que apresentava sintomas parecidos aos de algumas vítimas de traumatismo. Orton estudou as dificuldades de leitura e concluiu que havia uma síndrome não correlacionada a traumatismos neurológicos que provocava a dificuldade no aprendizado da leitura. Orton chamou essa condição por *strephepsymbolia* (com o significado de 'símbolos trocados') para descrever sua teoria a respeito de indivíduos com dislexia. Orton observou também que a dificuldade em leitura da dislexia aparentemente não estava correlacionada com dificuldades estritamente visuais. Ele acreditava que essa condição era causada por uma falha na lateralização do cérebro (HANRY, 1998).

A hipótese referente à especialização dos hemisférios cerebrais de Orton foi alvo de novos estudos póstumos na década de 1980 e 1990, estabelecendo que o lado esquerdo do *planum temporale*, uma região cerebral associada ao processamento da linguagem é fisicamente maior que a região direita nos cérebros de pessoas não disléxicas; nas pessoas disléxicas, contudo, essas regiões são simétricas ou mesmo ligeiramente maior no lado direito do cérebro.

Pesquisadores estão atualmente buscando uma correlação neurológica e genética para a dificuldade em leitura.

O termo Dislexia é preferencial entre muitos profissionais, disléxicos e seus familiares, pela diretividade e amplitude de seu significado, não oportunizando idéias subliminares de incapacidade e de problemas de comportamento ao disléxico.

2 CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA DISLEXIA

A Dislexia se define como sendo uma dificuldade na leitura e escrita. Na atualidade a definição mais usada é que a Dislexia é um dos diversos distúrbios de aprendizagem, ela não é considerada uma doença, portanto, não devemos falar em cura.

Desde a pré-escola, é preciso que o professor preste atenção em alguns sintomas que a criança pode apresentar como: falta de atenção; não é capaz de brincar com outras crianças; tem atraso no desenvolvimento da fala e escrita e no desenvolvimento visual; falta de coordenação motora; dificuldade em aprender cantigas rimadas; falta de interesse em materiais impressos entre outros.

A Associação Brasileira de Dislexia tem registros de que cerca de 10 a 15% da população mundial tem dificuldade na aprendizagem, que a maior incidência desta em nossas salas de aula não se deve à má alfabetização, desatenção, condição sócio-econômica ruim ou baixa inteligência, mas por estes apresentarem um quadro disléxico. A dislexia, sem causa definida é um problema neurológico, genético e geralmente hereditário caracteriza-se pela dificuldade acentuada na leitura, escrita, soletração e ortografia. Normalmente diagnosticada durante a alfabetização, ela é responsável por altos índices de repetência e abandono escolar.

Segundo Poppovic (1981, p. 29):

A fala, a leitura e a escrita não podem ser consideradas como funções autônomas e isoladas, mas sim como manifestações de um mesmo sistema, que é o sistema funcional de linguagem. A fala, a leitura e a escrita resultam do harmônico desenvolvimento e da integração das várias funções que servem de base ao sistema funcional da linguagem desde o início de sua organização.

Antes de atribuir a dificuldade de leitura à dislexia, os pais e professores deverão descartar os fatores a seguir juntamente com um parecer clínico: imaturidade para aprendizagem; problemas emocionais; métodos defeituosos de aprendizagem; ausência de cultura; incapacidade geral para aprender.

Para fazer um trabalho de qualidade com o aluno portador de dislexia a escola deve ter uma equipe multidisciplinar, formada por psicólogos, fonoaudiólogos e psicopedagogos clínicos, os quais devem iniciar uma minuciosa investigação para diagnosticar o distúrbio e verificar a necessidade do parecer de outros profissionais, como neurologistas, oftalmologistas e outros, conforme o caso.

Para diagnosticar se o aluno é portador da dislexia é necessário descartar alguns fatores muito comuns em sala-de-aula, tais como: dificuldades auditivas e visuais, lesões cerebrais (congenitas ou adquiridas), falta de afetividade, fracasso escolar e a hiperatividade. Depois de descartado todos estes fatores, com a ajuda de profissionais especializados, é necessário conhecer o parecer da escola, dos pais e levantar o histórico familiar e o desenvolvimento do aluno desde sua concepção.

Se tratado em tempo, o disléxico pode contornar sua dificuldade na leitura e na escrita, mas não deixará de ser disléxico. Procedimentos didáticos adequados possibilitam ao aluno vir a desenvolver todas as suas aptidões, que são múltiplas. Através da história temos conhecimento de pessoas que apesar dos problemas se tornaram pessoas ilustres, sendo eles: Leonardo da Vinci e Tom Cruise, Einstein e Nelson Rockefeller, Hans Christian Andersen e Agatha Christie, Airton Senna entre muitos outros.

Muitas dúvidas sobre a dislexia fazem com que passem a existir muitas informações que, muitas vezes, confundem os professores e pais ao invés de informar. A mídia, no Brasil, as poucas vezes em que aborda o assunto, somente o faz de maneira parcial ou inadequada e, ainda, fora do contexto global das descobertas atuais da Ciência.

2.1 DISLEXIA E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

A criança disléxica tem dificuldade de compreender o que está escrito e de escrever o que está pensando. Quando tenta expressar-se no papel o faz de maneira incorreta fazendo com que o leitor não compreenda suas idéias.

Segundo Oliveira (1997, p.17):

ao nascer, o ser humano apresenta algumas estruturas já prontas, definidas, como, por exemplo, a cor dos olhos, dos cabelos, o sexo. Outras ainda estão por desenvolver. Neste último caso encontra-se a parte do sistema nervoso, que precisa de condições favoráveis para o seu pleno funcionamento e desenvolvimento”. Para entendermos o porquê desta dificuldade precisamos primeiro saber se este aluno processa o conhecimento na mesma área cerebral que um aluno não disléxico.

O cérebro dos disléxicos é normal, constituído pelos neurônios que se comunicam entre si. Divide-se em duas áreas: esquerdo e direito. Nos indivíduos normais a área esquerda é responsável pela percepção e linguagem; subdividida em subáreas distintas: uma processa fonemas, a outra analisa palavras e a última reconhece as palavras. Essas três subdivisões trabalham em conjunto, permitindo que o ser humano aprenda a ler e escrever. A criança só aprende a ler quando reconhece e processa fonemas, memorizando as letras e seus sons. À medida que a criança aprende a ler, outra parte do cérebro começa a se desenvolver com a função de constituir uma memória permanente que faz com que a criança reconheça palavras com mais agilidade e sem grande esforço.

O cérebro das crianças disléxicas, devido às falhas nas conexões cerebrais, não funciona desta forma. No processo de leitura os disléxicos só recorrem na área cerebral que processa fonemas. Por isso, os disléxicos têm dificuldade em diferenciar fonemas de sílabas, pois a região cerebral responsável pela análise de palavras permanece inativa. Suas ligações cerebrais não incluem a área responsável pela identificação de palavras e, portanto, a criança disléxica não consegue reconhecer palavras que já tenha lido ou estudado. A leitura se torna um grande esforço para ela, pois toda palavra que ela lê aparenta ser nova e desconhecida

2.2 O PROFESSOR E O TRABALHO COM O ALUNO DISLÉXICO

Depois de detectada a Dislexia, cabe à escola, juntamente com o professor, incluir este aluno na sala de aula, trabalhando de maneira “distinta”, para fazer com que este consiga amenizar seu distúrbio de aprendizagem. Mesmo com um trabalho diferenciado, a criança nunca deixará de ser disléxica, mas poderá ter uma vida escolar quase “normal”, podendo aprender a ler e escrever como os demais, apesar das dificuldades que possui.

Para trabalhar com a criança disléxica, o professor necessita ser capacitado e ter conhecimento à cerca da Dislexia. Ele precisa saber o que é a dislexia, sua causa, bem como saber diagnosticar a mesma. Com essas informações o professor pode trabalhar com o

aluno em sala de aula, não deixando que este se sinta excluído e com auto-estima baixa.

Na maioria das vezes os professores têm um conceito errado em relação ao problema apresentado pelo aluno, considerando-o relapso, desatento, preguiçoso e sem vontade de aprender. Isso faz com que o aluno se sinta incapaz, sem motivação, tem reações rebeldes e até desperta um quadro de depressão. O quadro se agrava ainda mais quando ocorre a repetência e evasão escolar, pois muitas vezes não temos o real diagnóstico.

Conforme Oliveira (1997, p. 9):

muitos professores, preocupados com o ensino das primeiras letras, e não sabendo como resolver as dificuldades apresentadas por seus alunos, várias vezes os encaminham para as diversas clínicas especializadas que os rotulam como "doentes", incapazes ou preguiçosos. Na realidade, muitas dessas dificuldades poderiam ser resolvidas dentro da própria escola.

Em primeiro lugar, o professor precisa ter paciência para trabalhar com este aluno buscando, através da motivação diária, atender as necessidades que o mesmo apresenta. Este não deve ser alfabetizado pelo método tradicional, pois a criança com dislexia não consegue internalizar o todo, necessitando ter um trabalho individualizado, com bastante repetição, utilizando, também, o método fonético, pois sua dificuldade está, principalmente, em fixar os fonemas. Este trabalho deve iniciar-se pela leitura de livros com uma simples compreensão, aumentando gradativamente o conteúdo dos mesmos e só chegar ao todo quando achar que o aluno já está preparado ou capacitado para ter esta compreensão.

Este trabalho deve ser realizado em parceria com os pais do disléxico. Primeiro passo, é o diagnóstico real do problema emitindo por um neurologista, após, professores juntos com os pais necessitam conversar e expor o problema para a criança portadora de Dislexia, buscando restabelecer sua auto estima, confiança através da orientação e instrução adequados para que o mesmo pouco a pouco vá superando o trauma da sua incapacidade de aprender a ler e escrever corretamente.

Desta forma, os pais e professores precisam trabalhar em conjunto, onde um não pode contradizer o outro, buscando aumentar a sua motivação para restaurar a sua autoconfiança em si mesmo, valorizando o que ele faz mesmo que não esteja correto tendo o cuidado para não enfatizar os erros cometidos por ele. É necessário valorizar todo o esforço e interesse demonstrado pelo mesmo, respeitando seu ritmo, pois o disléxico necessita de mais tempo para pensar e entender o que é pra ser feito, que um aluno normal, e para isso o professor necessita ter paciência e força de vontade para ajudar este aluno, pois não existe um método específico para alfabetizar os mesmos.

O professor primeiro precisa conhecer o assunto e buscar informações com pessoas conhecedoras do assunto para daí elaborar atividades para esta criança, sendo que, nenhum disléxico é igual, todos tem alguma peculiaridade a ser desvendado pelo professor.

Uma outra maneira de ajudar este aluno é explicando para ele que sua dificuldade na aprendizagem da leitura e escrita tem um nome:

Dislexia, sendo que, o professor quer ajudá-lo a superar este problema e depende dele superá-lo, não desistindo no primeiro obstáculo, mas seguindo firme buscando com coragem e persistência o conhecimento como os demais.

O professor precisa ter calma com este aluno, pois ele será mais lento que os demais, necessita dar mais tempo para ele fazer a prova, copiar a matéria da lousa, resolvê-la, além disso, é necessário usar de diferentes estratégias para com este aluno para que ele entenda o conteúdo como: o uso de materiais estimulantes e interessantes, os quais ele possa ver, sentir, ouvir, manusear, etc.: jogos, cartazes, histórias em CD, material dourado, etc., buscando ensiná-lo da maneira como ele entender melhor o conteúdo proposto mesmo que seja através de uma brincadeira onde tudo seja realizado na oralidade.

2.3 A DISLEXIA COMO FRACASSO INESPERADO

A dislexia, segundo Dubois et al. (1993, p.197), "é um defeito de aprendizagem da leitura caracterizado por dificuldades na correspondência entre símbolos gráficos, às vezes mal reconhecidos, e fonemas, muitas vezes, mal identificados".

Segundo o ligüista, essa disfunção interessa de modo preponderante tanto à discriminação fonética quanto ao reconhecimento dos signos gráficos ou à transformação dos signos escritos em signos verbais.

A dislexia, para a Lingüística, assim, não é uma doença, mas um fracasso inesperado (defeito) na aprendizagem da leitura, sendo, pois, uma síndrome de origem lingüística.

As causas ou a etiologia da síndrome disléxica são várias e dependem do enfoque ou da análise do investigador. Aqui, tendemos a nos apoiar em aportes da análise lingüística e cognitiva ou simplesmente da Psicolingüística.

Muitas das causas da dislexia resultam de estudos comparativos entre disléxicos e bons leitores. Podemos indicar as seguintes: a) Hipótese de déficit perceptivo; b) Hipótese de déficit fonológico, e c) Hipótese de déficit na memória.

Atualmente, os investigadores na área de Psicolingüística aplicada à educação escolar apresentam a hipótese de déficit fonológico como a que justificaria, por exemplo, o aparecimento de disléxicos com confusão espacial e articulatória.

Desse modo, são considerados sintomas da dislexia relativos à leitura e escrita os seguintes erros: erros por confusões na proximidade especial: a) confusão de letras simétricas, b) confusão por rotação e c) inversão de sílabas

Confusões por proximidade articulatória e seqüelas de distúrbios de fala: a) confusões por proximidade articulatória; b) omissões de grafemas, e c) omissões de sílabas.

As características lingüísticas, envolvendo as habilidades de leitura e escrita, mais marcantes das crianças disléxicas, são:

A acumulação e persistência de seus erros de soletração ao ler e de ortografia ao escrever

Confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de grafia: a-o; c-o; e-c; f-t; h-n; i-j; m-n; v-u etc.

Confusão entre letras, sílabas ou palavras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço: b-d; b-p; d-b; d-p; d-q; n-u; w-m; a-e.

Confusão entre letras que possuem um ponto de articulação comum, e, cujos sons são acusticamente próximos: d-t; j-x; c-g; m-b-p; v-f.

Inversões parciais ou totais de sílabas ou palavras: me-em; sol-los; som-mos; sal-las; pal-pla.

Segundo Condemarín e Blonquist (1989, p.23), outras perturbações da aprendizagem podem acompanhar os disléxicos:

- Alterações na memória
- Alterações na memória de séries e seqüências
- Orientação direita-esquerda
- Linguagem escrita
- Dificuldades em matemática
- Confusão com relação às tarefas escolares
- Pobreza de vocabulário
- Escassez de conhecimentos prévios (memória de longo prazo)

Agora, uma pergunta pode advir: Quais as causas ou fatores de ordem pedagógico-lingüística que favorecem a aparição das dislexias?

De modo geral, são indicadas, a seguir, as causas de ordem pedagógica, a começar por:

Atuação de docente não qualificado para o ensino da língua materna (p. ex., um professor ou professora sem formação superior na área de magistério escolar ou sem formação pedagógica, em nível médio, que desconheça a fonologia aplicada à alfabetização ou conhecimentos lingüísticos e metalingüísticos aplicados aos processos de leitura e escrita).

- Crianças com tendência à inversão
- Crianças com deficiência de memória de curto prazo
- Crianças com dificuldades na discriminação de fonemas (vogais e consoantes)
 - Vocabulário pobre
 - Alterações na relação figura-fundo
 - Conflitos emocionais
 - O meio social
 - As crianças com dislalia
 - Crianças com lesão cerebral

No caso da criança em idade escolar, a Psicolingüística define a dislexia como um fracasso inesperado na aprendizagem da leitura (dislexia), da escrita (disgrafia) e da ortografia (disortografia) na idade prevista em que essas habilidades já devem ser automatizadas. É o que se denomina de dislexia de desenvolvimento.

No caso de adulto, tais dificuldades quando ocorrem depois de um acidente vascular cerebral (AVC) ou traumatismo cerebral, dizemos que se trata de dislexia adquirida.

A dislexia, como dificuldade de aprendizagem, verificada na educação escolar, é um distúrbio de leitura e de escrita que ocorre na educação infantil e no ensino fundamental. Em geral, a criança tem dificuldade em aprender a ler e escrever e, especialmente, em escrever corretamente sem erros de ortografia, mesmo tendo o Quociente de Inteligência (QI) acima da média.

Além do QI acima da média, o psicólogo Jesus Nicasio García, assinala que “devem ser excluídas do diagnóstico do transtorno da leitura as crianças com deficiência mental, com escolarização escassa ou inadequada e com déficits auditivos ou visuais” (1998, p. 144).

Tomando por base a proposta de Allend e Condemarín (1987, p. 55), “a dificuldade de aprendizagem relacionada com a linguagem (leitura, escrita e ortografia), pode ser inicial e informalmente (um diagnóstico mais preciso deve ser feito e confirmado por neurolingüista) diagnosticada pelo professor da língua materna, com formação na área de Letras e com habilitação em Pedagogia, que pode vir a realizar uma medição da velocidade da leitura da criança, utilizando, para tanto, a seguinte ficha de observação, com as seguintes questões a serem prontamente respondidas:

A criança movimenta os lábios ou murmura ao ler?

A criança movimenta a cabeça ao longo da linha?

Sua leitura silenciosa é mais rápida que a oral ou mantém o mesmo ritmo de velocidade?

A criança segue a linha com o dedo?

A criança faz excessivas fixações do olho ao longo da linha impressa?

A criança demonstra excessiva tensão ao ler?

A criança efetua excessivos retrocessos da vista ao ler?

Para o exame dos dois últimos pontos, é recomendável que o professor coloque um espelho do lado posto da página que a criança lê. O professor coloca-se atrás e nessa posição pode olhar no espelho os movimentos dos olhos da criança.

“O cloze, que consiste em pedir à criança para completar certas palavras omitidas no texto, pode ser importante, também, aliado para o professor de língua materna determinar o nível de compreensibilidade do material de leitura” (ALLIENDE; CONDEMARIN, 1987, p.144).

É necessário saber em qual ponto o portador dessa deficiência está na aprendizagem, para montar estratégias, para que ele alcance um melhor percurso e êxito em sua vida escolar. Não adianta fazer da descoberta, uma desculpa para uma possível falha comportamental.

Uma aprendizagem saudável pode até ir, além dos limites, de uma forma agradável, continuada, com rotina e disciplina. É importante um teste de aptidão textual, de inteligência e avaliação de leitura, uma anamnese profunda, que investigue toda a saúde orgânica do paciente. Como seria sua compreensão gramatical. É percebido se o paciente tem consciência fonológica do que está escrito e o que ele próprio lê.

A dislexia não se refere somente à dificuldade de leitura, a escrita e a soletração também são afetadas.

Uma pessoa, com dislexia pode apresentar problemas emocionais, devido à falta de tratamento psicológico diante do acontecimento. Para se evitar um prejuízo acadêmico e frustrações, é necessário um diagnóstico, e um acompanhamento profissional. Além de orientação familiar e escolar, para que não se estabeleçam culpas e descrenças e sim, uma forma de compreender que a dislexia é uma dificuldade e não

impossibilidade, se estabelecendo assim, quais as melhores formas de aprender.

3 TRANSFORMANDO UM ALUNO DISLÉXICO EM UM LEITOR COMPETENTE

Segundo a Dra. Sally Shaywitz (2006, p.192), “ensinar uma criança disléxica a ler é algo que tem como base os mesmos princípios usados para ensinar qualquer criança a ler”. O ensino deve ser incansável e ampliado de todas as formas possíveis de modo que seja penetrante e duradouro.

Um programa de ensino de habilidades de leitura eficaz para disléxicos deve basear-se em três pilares: a intervenção de leitura; a integração dessa intervenção com o trabalho normalmente realizado na escola e o freqüente monitoramento do progresso da leitura.

Os elementos essenciais para uma intervenção de leitura bem-sucedida são o conteúdo do programa e a sua implementação, ou seja, como, por quem e por quanto tempo a intervenção será apresentada ao aluno. Esta intervenção deve ser o mais precoce possível, de preferência entre os 5 e 6 anos de idade. O ensino da leitura deve ser intensivo, com um grupo de no máximo três crianças disléxicas recebendo ensino especializado de leitura, por cinco dias por semana, com uma duração de aproximadamente noventa minutos por dia. O ensino deve ser realizado por um professor qualificado e bastante experiente em alfabetizar.

Com relação ao monitoramento do progresso da leitura, o professor encontrará no livro “Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar”, de Maria Luiza Wess, uma técnica de avaliação do desenvolvimento da leitura, simples e prática, que pode ser utilizada em sala de aula.

O primeiro passo para um programa de ensino de habilidades de leitura eficaz é determinar o estágio ou nível de desenvolvimento em que o aluno disléxico se encontra. Em seguida, o professor deve elaborar atividades que visem melhorar tanto quanto possível as deficiências fonológicas de seu aluno disléxico e recorrer às habilidades no processo de pensamento de seu aluno como uma grande aliada nessa caminhada no sentido de transformar seu aluno disléxico em um leitor competente. É preciso enfatizar não apenas a dificuldade de leitura da criança, mas também seus pontos fortes. É importante que essas habilidades no processo de pensamento sejam identificadas, incentivadas e que definam a criança.

No primeiro estágio da leitura o objetivo principal é desenvolver a *consciência fonêmica*, ou seja, fazer a criança compreender que a palavra é dividida em pequenos sons chamados fonemas. Para que isso ocorra, o primeiro passo é desenvolver na criança a consciência da rima, para que a criança comece a perceber que as palavras tem partes. Isso ajuda a estabelecer a base para o ensino da consciência fonêmica e pode ser feito através da leitura em voz alta de histórias e poemas. Leia a história, exagere nos sons das rimas, chame a atenção para as rimas e repita a história pedindo para completarem as rimas e inventarem outras rimas.

O segundo passo é trabalhar com as palavras. Trabalhar com as palavras é a tarefa inicial da leitura e

constitui-se na parte central dos programas de ensino de habilidades de leitura para crianças pequenas.

Depois de conhecer as rimas e de desenvolver a percepção de que as palavras têm partes, as crianças estão prontas para o próximo grande passo para a leitura: dividir as palavras e montá-las novamente. Dividir a palavra nos sons que a compõem é o que denominamos de *segmentação*. E, juntar os sons para formar uma palavra é o que chamamos de *combinação*. Esses são os dois processos fundamentais envolvidos na aprendizagem de soletrar e de ler. Ao soletrar, a criança *segmenta* a palavra falada em seus sons, transformando cada um deles em letra. Ao ler, as letras são convertidas em sons que são *combinados* para formar uma palavra.

Uma atividade que ajuda a criança a separar os sons de uma palavra é contar, na verdade, bater palmas, de acordo com o número de sílabas da palavra. Em seguida, a criança deve praticar a comparação ou combinação dos sons de diferentes palavras. Sempre comece pedindo a ela que compare os sons iniciais das palavras e, depois, os finais. É bom que as palavras sejam acompanhadas de gravuras.

Assim que a criança aprender a natureza segmentada das palavras faladas e estiver familiarizada com os sons individuais, ela estará pronta para as letras. Ela deverá aprender o nome das letras, suas formas e seus sons.

Dicas para ter sucesso nesse primeiro estágio da leitura: as atividades devem ser curtas e agradáveis; fale claramente as palavras e pronuncie cada um dos sons cuidadosamente; exagere os sons e peça para a criança fazer o mesmo; crie suas próprias rimas ou historinhas e use objetos concretos (moedas ou fichas) para representar os sons das palavras - a criança deve indicar quantos sons ela ouve em uma palavra pelo número de moedas (ou fichas) que coloca na mesa.

No segundo estágio da leitura devemos enfatizar a prática da leitura de palavras, tanto isoladamente, quanto na leitura de frases simples e de livros. A criança, para melhorar sua precisão, necessita praticar a leitura em silêncio e em voz alta.

Toda vez que a criança tropeçar em uma determinada palavra e, sob a orientação do professor, fizer as devidas correções e melhoramentos, ela estará firmando representações cada vez mais precisa da palavra em seu cérebro. No final do processo, ela terá construído uma réplica neural da palavra contendo sua ortografia, pronúncia e significado.

Conforme Shaywitz (2006, p.149): “Escrever a palavra e aprender a soletrá-la também contribui para firmar representações precisas dela no circuito neural”.

Reconhecer e escrever as letras representa um marco na aprendizagem da leitura.

De acordo com Shaywitz (2006, p.151):

Quando as crianças escrevem as letras, mesmo que mal, elas podem participar de uma variedade de exercícios escritos que as estimulam a se conscientizar dos sons que fazem as palavras e de como as letras representam esses sons. [...] A leitura e o conhecimento das palavras reforçam-se mutuamente. A leitura ajuda a construir o vocabulário das crianças, e o conhecimento dos significados das palavras ajuda a decodificá-las e a melhorar a compreensão do que se lê.

Quanto maior o vocabulário de uma criança, mais palavras – difíceis e complexas – ela será capaz de decodificar e ler. Nunca é cedo demais para se apresentar novas palavras e seus significados a uma criança, o que fortalece seu modelo neural para cada uma das novas palavras que encontra.

Ouvir histórias, falar sobre os personagens e acontecimentos e brincar com blocos de letras ou fantoches são atividades que ajudam a criança a desenvolver seu pensamento e imaginação, construir seu vocabulário e tornar-se consciente do mundo que a cerca.

Dicas de atividades para orientar o professor: estabeleça um propósito para a leitura; identifique o título e o autor; comente a ilustração da capa; folheie as páginas do livro; faça as cinco perguntas: “quem”, “que”, “onde”, “quando” e “por que”; relacione a história e os eventos ao conhecimento e aos interesses atuais de seus alunos; preveja os eventos futuros (leia uma passagem, pare, comente e peça para seus alunos preverem o que vai acontecer); resuma as idéias principais; faça perguntas ao longo da leitura; faça interferências; esclareça palavras difíceis ou conceitos confusos; use imagens ou visualização; organize as idéias, talvez graficamente no papel; recontar a seqüência de eventos e aproveite a história (SHAYWITZ, 2006).

Ainda em conformidade com a Doutora, um programa de ensino de habilidades de leitura eficiente deve contemplar as seguintes atividades: aprender a ler as palavras pela pronúncia de palavras pequenas e simples (para alunos da 1ª. Série) e separação de palavras maiores (para alunos da 2ª. Série em diante); aprender a soletrar as palavras; memorizar as palavras que se lêem à primeira vista; praticar leitura oral e silenciosa; praticar a fluência (ler a palavra com precisão, rapidez, suavidade e boa expressão); escrever incluindo cartas e histórias; constituir conhecimento das palavras e do mundo e aprender estratégias de compreensão. Vale a pena ressaltar que “esforços contínuos para criar uma sensação de auto-estima fortalecem o programa e são a chave de seu sucesso” (idem p.155).

A fluência – capacidade de ler um texto rápida e precisamente e com boa compreensão – é a principal característica de um leitor competente. A fluência se adquire pela prática, pela leitura repetida das palavras. A fluência pode e deve ser ensinada. Os programas mais eficientes no ensino da fluência compartilham das seguintes características: foco na leitura oral da criança; oportunidades para a prática, permitindo que a criança leia e releia as palavras em voz alta do texto e *feedback* contínuo enquanto a criança lê.

A leitura em voz alta é muito importante porque faz com que o *feedback* (sempre positivo e construtivo) seja possível. E o *feedback* por sua vez, “é importante porque permite que a criança modifique sua pronúncia de uma determinada palavra e simultaneamente corrija o modelo neural dessa mesma palavra para que ela passe cada vez mais a refletir sua pronúncia e ortografia exatas” (idem p.176).

A *leitura oral repetida orientada* é uma técnica muito utilizada no ensino da fluência. O professor escolhe um pequeno texto, o lê em voz alta para o aluno e depois pede para que o aluno leia. Após, o *feedback* dado pelo professor e as correções feitas pelo

aluno, o professor poderá trabalhar com duplas: um aluno lendo para outro aluno e vice-versa.

Alguns professores costumam realizar atividades como a “festa da poesia” (onde ocorre a leitura oral de poesias), o “teatro do leitor” (onde são feitas leituras dramáticas de um trecho de alguma peça) e a leitura de letras de músicas. Há também a “leitura coral”, onde o professor inicialmente lê o texto em voz alta e em depois, todos os alunos, ao mesmo tempo, lêem o texto quatro ou mais vezes seguidas.

Como fonte de consulta para o professor recomendamos o livro de Robert Valett (1977, p.98), “tratamento de distúrbios da aprendizagem: manual de programas psicoeducacionais”, onde ele apresenta diversas atividades que auxiliam o professor a organizar programas psicoeducacionais para as capacidades básicas de aprendizagem.

Na área de desenvolvimento da linguagem o autor apresenta uma série de atividades que abordam o vocabulário (capacidade de compreender palavras), a fluência e codificação (capacidade para expressar-se verbalmente), a articulação (capacidade de articular palavras claramente, sem problemas articulatórios ou de pronúncia), a habilidade para lidar com palavras (capacidade de analisar palavras foneticamente), a compreensão de leitura, a escrita e a soletração.

Há também no mercado a primeira versão para o idioma português do Método Panlexia. Panlexia é um método de orientação diagnóstica e um programa abrangente de assistência pedagógica ao indivíduo disléxico. O Método Panlexia foi formulado inicialmente para o idioma inglês e italiano pela pedagoga inglesa Pámela Kvilekval e com a co-autoria da psicóloga e educadora brasileira Mônica Luczynski foi construído o programa de ensino para a língua portuguesa intitulado “Panlexia na Língua Portuguesa – Um Programa para Ensinar o Disléxico a Ler, Escrever e Soletrar, e a Compor e Entender um Texto”. O programa foi construído segundo as características fonema x grafema do idioma português, falado e escrito no Brasil.

Embora a dislexia seja um problema permanente, segundo Smith (2001, p.55), as crianças disléxicas

chegam a ter saltos desenvolvimentais que trazem uma melhora acentuada. O cérebro continua formando novas conexões até o início da idade adulta, e existem casos em que os ‘circuitos’ necessários para a leitura finalmente se completaram na adolescência ou mesmo depois. O lema para o ensino de habilidades de leitura, portanto, é ‘jamais desista’. É necessário deixar as portas da educação abertas por tanto tempo quanto possível, para que aqueles que amadurecem tarde tenham a oportunidade de alcançar seu pleno potencial”.

De acordo com Robert Frank, embora a dislexia seja um transtorno “invisível”, a criança com dislexia vivencia uma “vida secreta” de maneira única: é bem consciente de que não é como as outras crianças, mas pode ser impelida a manter um véu de sigilo sobre seu transtorno, cabendo às pessoas que lidam diariamente com ela a função de detectar suas dificuldades e procurar ajudá-la. Para Martinelli (2001, p114):

Uma criança que vive em um ambiente familiar equilibrado e que lhe oferece condições mínimas de experimentar e expressar suas emoções tem chances de lidar com maior segurança e tranquilidade com seus sentimentos e pode, dessa maneira, trabalhar com seus sucessos e fracassos de forma mais adequada.

Portanto, os adultos importantes para a vida de uma criança disléxica – especialmente seus pais e professores – desempenham um papel fundamental na determinação de seu perfil futuro. A criança com dislexia precisa de uma pessoa persistente, encorajadora, alguém que lhe dê apoio e a defenda inflexivelmente; alguém que atue como um incentivador quando as coisas não estão indo bem; que seja um amigo e confidente quando os outros façam chacotas e a deixem envergonhada; enfim, um defensor que, por ações e comentários, expresse otimismo para o futuro.

Talvez o mais importante de tudo seja o fato de o leitor disléxico precisar de alguém que não apenas acredite nele, mas que traduza tal sentimento em ações positivas, compreendendo a natureza do problema de leitura e que, depois, trabalhe de maneira incansável para garantir que o leitor receba o auxílio e o apoio de que precisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que já existe professor preocupado com a aprendizagem de todos os alunos, incluindo os com necessidades educacionais especiais, para isso buscam aperfeiçoar-se cada vez mais através de leitura, cursos, palestras, etc., como é o caso desta pesquisa, objetivando um maior conhecimento acerca das diferentes dificuldades e distúrbios que acometem a maioria dos alunos atualmente em quase todas as salas de aula do nosso país e também pelo mundo afora.

Cada vez mais é dever do professor buscar aperfeiçoar-se para trabalhar com todos os tipos de alunos, não só com o "normal", aquele que não tem problemas de aprendizagem. Faz-se necessário que o professor conheça os diferentes tipos de problemas de aprendizagem que podem aparecer em uma sala de aula: quais que são, como diagnosticá-los, o que fazer, como trabalhar com esta criança e quais as estratégias e recursos disponíveis para transmitir o conhecimento para este ser que tem direito a aprender como os demais. Mas ainda há um problema acerca desde assunto, pois existe pouca coisa escrita sobre a maioria dos problemas de aprendizagem que afetam as crianças, especialmente no início da alfabetização, bem como, a mídia dá pouco destaque a este assunto.

O diagnóstico demora muito a ser realizado pelo especialista na área, devido à burocracia que existe no Brasil, pois a lei diz que não se pode avaliar uma criança que esteja cursando a Pré-escola, mesmo que o professor detecte que seu aluno possui um problema, este só poderá ser encaminhado para uma avaliação psicopedagógica após dois anos de frequência na sala de aula, ou seja, no término da Primeira Série ou início da Segunda Série, mesmo assim ela ainda necessita ser avaliada pela equipe multidisciplinar da escola, a qual diagnosticará o problema e após pedirá uma avaliação de um especialista na área: neurologista.

Esse processo é muito demorado, pois há crianças que terminam o primário e não foi solucionado seu problema por falta de comprometimento de alguns profissionais que deveria auxiliar os docentes, mas em alguns momentos atrapalham o bom encaminhamento do processo escolar. Sendo que, alguns profissionais não possuem ética e conhecimento o suficiente para diagnosticar os problemas de aprendizagem, devido a isto, faz-se necessário um maior comprometimento de ambas as partes.

Nunca é tarde demais para ensinar disléxicos a ler e a processar informações com mais eficiência. Entretanto, diferente da fala – que qualquer criança acaba adquirindo – a leitura precisa ser ensinada. Utilizando métodos adequados de tratamento e com muita atenção e carinho, a dislexia pode ser derrotada. Crianças disléxicas que receberam tratamento desde cedo apresentam uma menor dificuldade ao aprender a ler. Isso evita com que a criança se atrase na escola ou passe a desgostar de estudar.

É importante enfatizar que a dislexia não é curada sem um tratamento apropriado. Não se trata de um problema que é superado com o tempo; a dislexia não pode passar despercebida. Pais e professores devem se esforçar para identificar a possibilidade de seus filhos ou alunos sofrerem de dislexia. Crianças disléxicas que foram tratadas desde cedo superam o problema e passam a se assemelhar àquelas que nunca tiveram qualquer dificuldade de aprendizado.

Foram desenvolvidos diversos programas para curar a dislexia. Não há um só tratamento que seja adequado a todas as pessoas. Contudo, a maioria dos tratamentos enfatiza a assimilação de fonemas, o desenvolvimento do vocabulário, a melhoria da compreensão e fluência na leitura. Esses tratamentos ajudam o disléxico a reconhecer sons, sílabas, palavras e, por fim, frases. É aconselhável que a criança disléxica leia em voz alta com um adulto para que ele possa corrigi-la. É importante saber que ajudar disléxicos a melhorar sua leitura é muito trabalhoso e exige muita atenção e repetição. Mas um bom tratamento certamente rende bons resultados. Alguns estudos sugerem que um tratamento adequado, administrado ainda cedo na vida escolar de uma criança, pode corrigir as falhas nas conexões cerebrais ao ponto que elas desapareçam por completo.

REFERÊNCIAS

- ALLIENDE, Felipe, CONDEMARÍN, Mabel. **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Tradução de José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas (1987)
- CONDEMARÍN, Mabel; BLOMQUIST, Marlys. **Dislexia: manual de leitura corretiva**. 3. ed. Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989
- DUBOIS, Jean et ali. **Dicionário de lingüística**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- DROUET, Ruth Caribé da Rocha. **Distúrbios da Aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

GARCÍA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem:** linguagem, leitura, escrita e matemática. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GIBSON, E. J; LEVIN, H. **A psicologia da linguagem.** 1. ed. Cambridge, Massachusetts: Imprensa do Mit, 1985.

HINSHELWOOD, J. (1917). **Dificuldades congênitas.** HK Lewis & Co., Ltd. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki>> Acesso em: 20 de nov. De 2007.

MYKLEBUST, Helmer R. (Org.) **Transtornos da aprendizagem.** 1. ed. Coleção Progressos. São Paulo: Artmed, 2003.

OLIVEIRA, G. C. **Psicomotricidade:** educação e reeducação num enfoque psicopedagógico. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

POPPOVIC, A. M. **Alfabetização:** disfunções psiconeurológicas. 3 ed. São Paulo: Vetor, 1981.

SHAYWITZ, Sally. **Entendendo a dislexia:** um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SISTO, Fermino Fernandes; BORUCHOVITCH, Evelyn; MARTINELLI, Selma de Cássia (orgs.). **Dificuldades de aprendizagem no contexto pedagógico.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SMITH, Corinne; STRICK, Lisa. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z:** um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

SNOWLING, Margaret J. (1996-11-02). **Dislexia.** BMJ **313** (7065): 1096. Retirado em 2007-06-08. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki>> Acesso em: 20 de nov. De 2007.

VALETT, Robert E. **Tratamento de distúrbios da aprendizagem:** manual de programas psicoeducacionais. São Paulo: EPU, 1977.

WIKIPEDIA. Enciclopédia virtual. **Dislexia.** Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/ Dislexia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dislexia)> Acesso em: 20 de nov. De 2007.